



VI Simpósio Nacional de HISTÓRIA CULTURAL

Escritas da História: Ver - Sentir - Narrar

AFRICANIDADES E CULTURA HISTÓRICA EM ABDIAS NASCIMENTO

Luiza Cibelly Mendes dos Reis*

Elio Chaves Flores (Orientador)**

1

A pesquisa apresentada faz parte do projeto de pesquisa intitulado Margens do Atlântico: intelectuais afro-brasileiros e africanos (1945 -199) com o nosso plano específico Do Lado de Cá: africanidades e cultura histórica em Abdias Nascimento (1945-1995) sobre os intelectuais negros (africanos e brasileiros), a qual se insere no campo da História Cultural com ênfase nos estudos etnicorraciais, e se propõe a desenvolver estudos comparativos entre intelectuais negros do século XX com os marcadores temporais entre os anos de 1945 e 1995, sendo o ano de 1945 o ano instituinte do fim do Estado Novo no Brasil e o do fim da Segunda Guerra Mundial com implicações para a África, e 1995 marca a grande marcha Zumbi 300 anos no Brasil e o fim do regime da segregação racial com implicações para a África meridional.

Trabalhamos até o presente momento com as obras de intelectuais como Marc Bloch, Joseph Ki-Zerbo, Frantz Fanon, Florestan Fernandes Edem Kodjo, David Chanaiwa e nosso foco principal Abdias Nascimento. As seguintes obras trazem para o campo dos estudos etnicorraciais possibilidades de diferentes visões entre os autores

* Graduando em História – UFPB, Bolsista de Iniciação Científica – CNPQ

** Professor Departamento de História/Orientador - CNPQ

que retratam a mesma situação de discriminação racial. Em volta das obras já apresentadas apresentam-se as discussões de temas como pan-africanismo, negritude, africanidade, quilombismo que se interligam um aos outros.

O objetivo primeiro desse trabalho é contribuir amplamente para uma desalienação de muitos pretos e brancos, recusando aceitar a realidade atual em relação à discriminação etnicorracial como definitiva. Rebatendo baseado nos estudos do sociólogo Florestan Fernandes o mito da democracia racial no Brasil, que afirma que no país haveria uma harmonia quanto às raças. Onde sabemos que temos uma etnia estigmatizada como objeto sexual, como coisa, como “Mal”, feio, pecado, imoral estigma que permanece desde a escravidão. É discutida a necessidade dos negros contemporâneos em provar e valorizar a existência de uma civilização negra.

Frantz Fanon em seu livro *Pele negra, máscaras brancas* (1952) pretende transformar o negro em um ser de ação, já que muitos desses negros não conseguindo exercer um impacto sobre o mundo social tendem a criar barreiras em si mesmo.

O jovem antilhano é um francês convocado a viver continuamente com os seus compatriotas brancos. Ora, a família antilhana praticamente não mantém nenhuma relação com a estrutura nacional, isto é, francesa, européia. O antilhano deve escolher entre sua família e sociedade européia; em outras palavras, o indivíduo que ascende na sociedade – a branca, a civilizada – tende a rejeitar a família – a negra, a selvagem, no plano do imaginário (...) (FANON, 2008, p.132).

As leituras e interpretações sobre a História da África e negritude neste material tem contribuído para comparar as perspectivas da negritude no Brasil e o pan-africanismo do continente africano. No texto de Edem Kojdo e Davis Chanaiwa “Pan-Africanismo e libertação”, constante na obra *História Geral da África* são discutidos temas e conceitos da história do continente muito pertinente à nossa pesquisa. Os autores mostram como a luta pela libertação, descolonização e pan-africanismo se tornou uma ideologia de massa na África, buscando através desses movimentos apagar seqüelas da escravatura e da colonização.

Podemos também analisar as relações Brasil-África na perspectiva dos intelectuais afro-brasileiros e africanos; sistematizar as representações africanistas construídas por tais intelectuais, especialmente nos escritos políticos de Abdias Nascimento (Brasil). Dessa forma propor outro olhar sobre um ponto já estudado e

debatido para pensarmos as fragilidades e dificuldades enfrentadas pelos protagonistas negros que começaram a denunciar situações concretas de racismo no seu cotidiano, iniciando assim movimentos exigindo uma segunda Abolição, que visa uma verdadeira democracia racial no Brasil, assim como repensar a matriz curricular eurocêntrica em que o Ensino de História tem se inserido. O historiador Joseph Ki- Zerbo buscando refundar a História a partir da matriz africana, destaca que “a África é o berço da humanidade (...) se Adão e Eva tivesse aparecido no Texas, ouviríamos falar disso todos os dias na CNN” (2006, p.13).

A presente pesquisa consiste na leitura da produção dos intelectuais afro-brasileiros e dos intelectuais africanos a partir das crônicas, ensaios, poesias, artigos, manifestos, depoimentos, entrevistas, como também dos escritos mais direcionados ao universo acadêmico, no intuito de analisar que esses intelectuais não só tinham consciência de fazer história como de pertencer à história, e assim compreender suas visões da África e suas práticas emancipatórias em relação ao racismo e ao colonialismo, permitindo um maior aprofundamento para a formulação de comparações entre o material utilizado. Nos escritos políticos de Abdias Nascimento através de testemunhos reais de sua vida e de companheiros seus, com foco na luta contra a discriminação racial no Brasil e na missão de dar maior visibilidade ao negro numa sociedade que vive as marcas do racismo, ele irá pensar teoricamente o pan-africanismo como movimento cultural e político de alavancagem da emancipação negra tanto no Brasil (segunda abolição) quanto na África (lutas de libertação), avançando para a década de 1970. E através dos escritos veremos as vozes do protagonismo negro no Brasil e na África com suas representações concernentes ao continente africano e suas devidas críticas ao racismo e ao colonialismo.

Para embasar nosso trabalho começamos com a leitura do clássico *Apologia da História* ou *O Ofício do Historiador* de Marc Bloch, que inaugurou uma nova perspectiva do estudo da História. Contrariando o positivismo Bloch afirma: “Resumindo tudo, as causas, em história como em outros domínios, não são postuladas. São buscadas” (Bloch, 2001, p.159).

A obra *Significado do protesto negro* (1989) de Florestan Fernandes também foi analisada, leitura essa que podemos considerar indispensável para as discussões

raciais no Brasil. Nela o sociólogo aborda o mito da democracia racial no Brasil, que afirma que no país haveria uma harmonia quanto às raças. Assim como afirma também Nascimento que “o Brasil oficial despendeu grande esforço tentando criar a ficção histórica segundo a qual o país representa o único paraíso da harmonia racial sobre a terra, o modelo a imitado pelo mundo” (1980 p.25).

Desenvolvemos outras atividades que também nos auxiliaram nas leituras acima relatadas, como documentários e outras leituras sobre a vida de um dos maiores ativistas do movimento negro no Brasil, assim também como obras sobre cultura.

Esta experiência com a pesquisa de iniciação científica tem proporcionado um maior aprendizado e novas descobertas sobre a problemática defendida pelos intelectuais africanos e afro-brasileiros, possibilitando um diálogo comparativo a partir de Marc Bloch, Joseph Ki-Zerbo, Frantz Fanon, Florestan Fernandes, Edem Kodjo, David Chanaiwa e Abdias Nascimento, cujas produções qualificam-se como recursos altamente importantes para se compreender sobre a escrita africana e afro-brasileira. Dando destaque a algumas discussões sobre a História da África, a negritude, as relações com os políticos e intelectuais africanos do processo de descolonização e da África pós-colonial e o pan-africanismo, destaca-se no Brasil Abdias Nascimento, que a partir do Teatro Experimental do Negro (1944) que será a primeira, única e exclusiva criação do negro brasileiro, segundo o próprio Abdias, iniciará divulgação e explicação do movimento da Negritude e influir na ação de vários segmentos e organização do movimento negro nas décadas seguintes, com o objetivo ter uma significação cultural, valor artístico e função social, combaterá a tese da democracia racial e buscará uma desconstrução da história eurocêntrica, demonstrando o protagonismo negro. O TEN formou e lançou uma geração de artistas, intérpretes, dançarinos, coreógrafos, cantores. O negro é o protagonista.

A trajetória política de Abdias Nascimento também contribuirá bastante para sua luta contra o racismo e em defesa do povo negro, assim como contra as opressões imperialistas, contra o seqüestro da história negro-africano. Ele lavará a discussão no setor político a Data de 13 de maio considerada por ele e por outros intelectuais como “mentira cívica”, apontando o dia 20 de Novembro, dia da morte de Zumbi de Palmares, como Dia Nacional da Consciência Negra, propondo feriado nacional. Isso se dará com

base na discussão iniciada por Florestan Fernandes que defende que o 20 de Novembro abrange-se a todos os oprimidos, operários, sindicalistas, que em alusão o Manifesto Comunista de Engels e Marx, convoca: “Oprimidos do Brasil Uni-vos” (1989, p29)

Abdias Nascimento também irá propor a criminalização do racismo no Projeto de Lei n 1.661, de 1983, buscando sempre o resgate do protagonismo negro no Brasil contemporâneo. Teve a oportunidade de apresentar sua proposta do Quilombismo no âmbito nacional e internacional.

O quilombismo, como o pan-africanismo, é um conjunto de princípios, resultado de vivências, reflexões e saberes acumulados e sistematizados ao longo da luta contra as desigualdades e o racismo e se expressa como uma política voltada não só para as populações afro-brasileiras, mas, sobretudo, para a sociedade brasileira (SEMOG e NASCIMENTO, 2006, p.175).

A herança do quilombo é exatamente nossa resistência contra a opressão, é nossa vitalidade e força criativa. Através do advento do Quilombismo os negros precisam construir suas próprias instituições, consolidar suas coesões e força política e assim reconstruir e fortalecer a comunidade negra que após a abolição jurídica foi jogada às ruas e seus trabalhos foram ocupados por imigrantes europeus, que muitos estudos revelam que vieram com o intuito de embranquecer a população, iniciando um verdadeiro processo genocida, tanto fisicamente como espiritualmente.

Trabalhar com esses intelectuais foi um trabalho bastante enriquecedor, como também algo que exige um olhar crítico sobre suas produções, pensamentos, ideologias e reivindicações. Possibilitou de abarcar esses agentes históricos que contribuíram para a construção da história do protagonismo negro no Brasil. Sendo assim, busca-se através desta pesquisa ampliar as interpretações acerca dos temas já citados no período de 1945-1995. Período de grandes reivindicações e conquistas para o povo afrodescendente. Fruto desse processo foi a legislação no sentido de criminalizar a discriminação racial, afirmação do caráter multicultural e pluriétnico da nossa sociedade e a introdução do ensino da história e cultura africana e afro-brasileiras nos currículos escolares brasileiros.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BLOC, Marc. Apologia da História ou O Ofício do Historiador. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2001.

FANON, Frantz. Pele Negra, Máscaras Brancas. Salvador: Edufba, 2008.

FERNANDES, Florestan. O Significado do Protesto Negro. São Paulo: Cortez, 1989.

KI-ZERBO, Joseph. Para quando a África? Rio de Janeiro. Pallas, 2006.

KODJO, Edem e CHANAIWA, David. Pan-Africanismo e Libertação. In: História Geral da África. Vol. VIII: África desde 1935 / editado por Ali A. Mazrui e Christophe Wondji. Brasília: UNESCO/MEC, 2010, p. 897-924.

NASCIMENTO, Abdias; SEMOG, Éle. Abdias Nascimento: o griot das muralhas. Rio de Janeiro: Pallas, 2006 _____, O Negro Revoltado. Rio de Janeiro: GRD, 1968.

Anexos

